



GT 38. Estudos etnográficos no mundo dos psicoativos

Coordenador(es):

Edward John Baptista das Neves MacRae (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Regina de Paula Medeiros (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/ deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-teóricos-éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lúdicos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

Linguagem, corpo e antropologia da experiência no transe ayahuasqueiro dos xamãs urbanos

Autoria: Carolina de Camargo Abreu (UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)

O principal desafio assumido por esta pesquisa é o de aproximar-se da experiência do transe sem aniquilar sua magia. Não se presta a desvelar o mistério do universo mágico da feitiçaria dos rituais de ayahuasca aos quais se debruça em etnografia. Dedicar-se, sim, às formas narrativas, de linguagens, que se aproximem da experiência do transe e iluminem, profanamente, os conhecimentos produzidos pelos xamanismos urbanos ayahuasqueiros. Considera que uma exploração séria do transe requer um lugar de estranhamento, um lugar para se olhar, como sugere John Dawsey: às margens das margens, capaz de olhar para o extraordinário evitando a ênfase no lado misterioso do mistério. Também a partir de uma perspectiva benjaminiana, Michel Taussig requer que a antropologia aponte o mito no natural e o real no mágico, e então, aprofunde-se na ambiguidade do mito para sentir a verdade que está em jogo. Diferente seria apontar reflexões morais do lado de fora ou expor as contradições que ocorrem sobre a questão. Esta pesquisa experimenta os ensaios fílmicos como ferramenta apropriada tanto para se aproximar do indizível do transe pela poética, como para acionar a experiência sensual do terreno-corpo através das potências peculiares da linguagem audiovisual. O fazer fílmico neste estudo surge antes como um modo de engajamento que implica sujeito, espectador e cineasta num processo que favorece a explanação como experiência reflexiva, que procede mais por implicação do que por demonstração. Interessa-me menos exercitar retórica do documento antropológico e muito mais oferecer um campo para experimentação e pesquisa de linguagem para o filme etnográfico. Eis, de fato, um desafio essencial para a tarefa assumida: como envolver uma linguagem poética sem transformá-la simplesmente numa estética? A problemática envolve também autoria e responsabilidade ética. E o que seria a estética de um filme senão uma expressão ética do seu cineasta?! O filme necessariamente reduz a complexidade das experiências vividas e trava a construção de outras, neste sentido não reproduz o real, mas pode tratar dele. De qualquer forma o filme produz consequências reais para todos os envolvidos. Neste



caso, será necessário fazer notar ainda a diferença entre os dois modos de experiência: a da antropóloga e a da nativa que também sou, ayahuasqueira há 10 anos. Operar um confronto de pensamentos. Não se trata de propor uma interpretação do transe, mas de realizar uma experimentação com o seu pensamento - neste caso um pensamento-corpo - e, ainda, com o mundo possível que seus conceitos projetam.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: